



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

**PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIBIC**

**MICROPOLÍTICAS URBANAS: A ARTE NA CIDADE  
Experiência sensível no espaço público de Aracaju**

Área do conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas  
Subárea do conhecimento: Arquitetura e Urbanismo  
Especialidade do conhecimento: Teoria do Urbanismo

Relatório Final  
Período da bolsa: de Agosto de 2018 a Julho de 2019

Este projeto é desenvolvido com bolsa de iniciação científica

**PIBIC/COPES**

Orientadora: Dra. Maria Cecília Pereira Tavares (DAU)  
Coorientadores: Dr. Diogo Velasco (DCOS) e Dra. Maicyra Leão (DTE)  
Autora: Emilly Arielle Santos Silva



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

## **SUMÁRIO**

### **1. Introdução**

#### **1.1. Conceituações literárias**

#### **1.2. Histórico de apropriações artísticas urbanas em Aracaju**

### **2. Objetivos**

### **3. Metodologia**

#### **3.1. Considerações iniciais**

#### **3.2. Metodologia adotada**

### **4. Resultados e discussões**

#### **4.1. Ocupe A Praça**

#### **4.2. Poesia Marginal**

#### **4.3. Análise Comparativa**

### **5. Conclusões**

### **6. Referências bibliográficas**



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

## **1. Introdução**

### **1.1. Conceituações literárias**

Este Projeto de Iniciação Científica teve início com a leitura e análise de referenciais teóricos, que auxiliaram no processo de entendimento dos objetivos propostos. As duas maiores referências foram os autores Doreen Massey e Henri Lefebvre, em suas obras *Pelo Espaço* e *O direito à Cidade*, respectivamente. A primeira delas foi responsável por embasar temas bastante pertinentes à questão do espaço e a segunda, trouxe, como principal elemento, a noção de pertencimento da cidade.

No estudo da obra *Pelo Espaço*, foi possível reconhecer a conceituação teórico-prática das definições que o espaço ganhou (e perdeu) com o decorrer do tempo. Além disso, como essas definições são situadas no contexto urbano e também como este pode guiar as noções da modernidade.

Em um primeiro relato, a autora utiliza a conquista do império Asteca pelos espanhóis para exemplificar suas questões prévias acerca do tema. Nessa elucidação, tem-se que o tempo demonstra o intervalo relacionado aos acontecimentos, já o espaço em si é a superfície, que possui os seus efeitos e implicações específicas.

Em outra prerrogativa, onde se estipula a colocação de ideias hegemônicas como absolutas, há uma drástica mudança de cenário. Devido a “impossibilidade” causada pela persuasão a geografia é transformada em história e conseqüentemente o espaço em tempo. Dentre dessa troca mútua de significados, surge a ideia da trajetória - múltipla.

Frente a noção de globalização e diminuição exponencial da ideia de espaço frente à passagem do tempo, outra definição ganha notoriedade no cenário, o lugar. Há nesse caso, a antítese de relações, onde ou o lugar é visto



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

pelos parâmetros globais, como território de livre permanência, ou, pelo contrário, é tratado como algo particular e passível de todo o cuidado necessário.

Contudo, Massey vê a possibilidade de diminuir a distinção entre lugar e espaço, com o objetivo de incorporar a percepção de espacialidade na maneira de se colocar no mundo. A autora denota ainda a capacidade de que o espaço pode ser apresentado de várias maneiras. Dentre elas, a de que ele é produto das inter-relações humanas, esfera da existência da multiplicidade e também como algo que está sempre em construção.

Posteriormente, a autora analisa o significado do espaço, que, por vezes, leva a um entendimento diferente do seu real sentido. Algo que ocorre tanto na linguagem “comum”, quanto na acadêmica, podendo ele ser subjugado em seu conceito devido a correntes filosóficas, contexto político e econômico.

Massey ainda reafirma a relação do espaço com o tempo, em contraste com Henri Bergson que considera os dois como elementos antagônicos. Além de se comparar com a maioria dos autores que afirmam a existência dessa relação, adverte a concepção daqueles que vem o espaço somente como o resultado do tempo e não julgam os dois em uma relação mútua, como declara Doreen.

O que me preocupa é o modo como imaginamos o espaço. Algumas vezes o caráter problemático dessa imaginação resulta, provavelmente, da despriorização do espaço – a conceituação de espaço como uma reflexão a posteriori, como um resíduo do tempo.  
(MASSEY, 2008, pg 41)

Diante da necessidade de evidenciar o valor desse espaço, a autora lembra que, na atualidade, a maioria dos autores prioriza o tempo ao espaço à caracterização do espaço como agente do tempo tem como principal objetivo descentralizar a história da modernidade, a fim de mostrar que ela se dá em vários âmbitos e permeiam muito mais relações que somente o cenário europeu. O que consequentemente demonstra que o tempo passa de maneiras diferentes a



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

depender do cenário. A ideia que se desenvolve com o projeto de modernidade foi a tentativa falha de universalizar a maneira como vemos o espaço, inclusive sua relação com a sociedade.

Em outras palavras, as (algumas das) precondições materiais e os efeitos do projeto de modernidade, quando trazidos à luz pela abertura espacial, debilitam a própria história que ele conta sobre si mesmo.  
(MASSEY, 2008, pg 101)

Abandonar-se-á a premissa da descontinuidade de espaços, como o intuito de repensar a diferença através da conexão. Até porque, partindo da ideia de que não existe um algo original, como é o caso do pensamento eurocêntrico, chega-se a concepção de que as populações existiram - e existem - em interconexões.

Deve-se ter a noção de que o espaço esteja sempre com um significado plural, aberto e adaptativo a cada situação, em um sucessivo processo de ser criado e recriado. Por isso, há a importância de garantir a multiplicidade de narrativas na história. Pois ela, segundo Sakai (1989), não é apenas temporal ou cronológica, mas também espacial e relacional. Afinal, o que se opõe não são as mesmas sociedades em diferentes níveis de desenvolvimento, mas diferentes sociedades, que se confrontam ao mesmo tempo.

Essa concepção temporal da geografia da modernidade não apenas é uma representação do espacial, como é também a repressão da possibilidade de outras temporalidades. A concepção temporal da geografia da modernidade há muito hegemônica impõe a repressão da possibilidade de outras trajetórias [em direção à modernidade].  
(MASSEY, 2008, pg 109)

Na segunda parte do livro, é apresentada a ideia de que o espaço conquista o tempo, mas o contrário nunca pode acontecer. Porém, na 3ª parte, se revela que ele pode sim acontecer. Nos discursos recorrentes da modernidade, pode ser observado que é constante a ideia de que países ou povos “avançados”



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

possuem certa liderança. A importância da espacialidade é, portanto, a de barrar a imposição do único universal trazendo a possibilidade das múltiplas narrativas.

Posteriormente, Massey traz, à luz da questão, a cartografia atual, em especial os mapas, tão utilizados pelos geógrafos. Sabe-se que eles, na maioria das vezes, buscam transmitir algum conteúdo e podem comunicar muitos tipos de informação. Contudo, eles também são responsáveis por tratar os espaços e as fronteiras como simples superfícies.

A autora intitula os mapas modernos ocidentais como “tecnologias de poder”, por serem dotados da capacidade de instruir aqueles que os consultam ou estudam. Eles podem, todavia, conduzir informações que desconsideram as heterogeneidades dos espaços, dos quais se incumbiu de registrar. Limitando, portanto, a tão complexa configuração do espaço.

Dentre tantas relações contidas nas questões intra e inter espaços, pode-se verificar como o acaso age nos diversos acontecimentos. Uma imprevisibilidade que advém das multiplicidades de trajetórias dele características. A ótica que Massey apresenta é retratada pela autora Jane Jacobs em seu livro *Morte e Vida de Grandes Cidades* (ano), que classifica o que pode ser visto como uma desordem urbana: um sistema organizado de multiplicidades.

As múltiplas trajetórias que circulam no espaço dependem não só da configuração deste, mas do tempo que o rege. As chamadas passagens são definidas pela autora como “viagens” entre o tempo por meio do espaço. Ao passo que o último é definido pelas alterações provocadas pelas relações sociais, onde cada indivíduo é minimamente responsável por modificar, através do tempo, o processo das narrativas.

O espaço, portanto, não se configura somente em paisagem - e muito menos em superfície - ele é proveniente das apropriações que cada ser realiza na sua trajetória. A apropriação desse espaço pode gerar nesses indivíduos



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

sentimentos de saudade e nostalgia, logo as memórias construídas em um determinado lugar concebem o conceito de identidade.

Ao destrinchar desde as correntes filosóficas até a ideia a apropriação do espaço, a autora se detém no final do seu livro a retratar a relevância do debate político dos argumentos desenvolvidos. O intuito se resume no reconhecimento da especificidade do espaço, em detrimento das relações que ele suporta. Algo que significa insistir na definição da esfera de relações, da multiplicidade contemporânea e, como sempre, em construção (MASSEY, 2008).

A fim de se afastar das visões de “uma temporalidade sem espaço” da modernidade contra “tudo é espaço, sem tempo” da pós-modernidade, a autora cita a necessidade de impulsionar a geografia, como uma maneira de refletir sobre a coexistência das relações. Significando o direcionamento para o que ela chama de “entrelaçamentos e configurações de trajetórias múltiplas”. O reconhecimento do lugar como eventualidade ratifica a natureza conflituosa dele, e assim, consequentemente, implica numa política espacial.

Contudo, a cidade neoliberal tende a minimizar a ocorrência dos acasos proporcionados pelo espaço público. Com o surgimento dos shoppings centers e a disseminação de espaços comerciais fechados (*enclousures*), é observado o fenômeno de “declínio do espaço público”. Essa ocorrência é responsável por amplificar a dicotomia que se põe entre os frequentadores das praças públicas e das “praças de alimentação”.

Existe, portanto, a busca incessante para que os espaços públicos possam ser minimamente receptivos (ROGERS, 1999). Algo que faz com que eles sejam essenciais para a democracia, afinal “em vez de tentar apagar os traços de poder e exclusão, a política democrática requer que sejam trazidos à frente, fazendo-os visíveis para quem possa entrar no terreno da contestação” (MOUFFE, 1993, apud MASSEY, 2008).



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

A cidade usada por Massey como exemplo “global”, nos estudos de caso, é Londres, como uma referência para o capital mundial e de grande convergência de fluxos migratórios internacionais e, conseqüentemente, colisão das inúmeras trajetórias sociais, econômicas e étnicas. A imagem de Londres como uma cidade “bem-sucedida” camufla os efeitos negativos da globalização numa cidade mundial.

A autora coloca ainda que o “crescimento e progresso” do modelo capitalista neoliberal são produtores de pobreza e exclusão. Em vista disso, tem-se a subjugação das inúmeras realidades espaciais que uma mesma cidade pode conter, onde, em detrimento do grau de “desenvolvimento” diminui-se a participação ativa de determinados agentes, como meio de transformar o imagético da cidade.

Não faz sentido continuar promovendo ‘crescimento’ na mesma maneira antiga (isto é, não se o objetivo, como constantemente declarado, é reduzir a pobreza e a exclusão. Claramente, então, tem de haver uma decisão: reduzir a pobreza ou promover a City. É uma verdadeira escolha política. (MASSEY, 2008, p. 223)

O espaço das cidades - não somente a londrina - se configura como a justaposição de várias camadas de enigmas e problemas acumulados com o passar do tempo. Esferas que na maioria das vezes, perpassam a mente daquele que está a analisá-las. São inúmeras realidades que se mesclam e formam o todo e, ao passo que se originam, também se finalizam. Afinal, tudo está em uma constante mudança e qualquer sinal de mudança no tempo, alterará o espaço e assim sucessivamente.

O espaço é tão desafiador quanto o tempo. Nem o espaço nem o lugar podem fornecer um refúgio em relação ao mundo. Se o tempo nos apresenta as oportunidades de mudança [...] então o espaço nos apresenta o social em seu mais amplo sentido: o desafio da nossa interrelacionalidade constitutiva. (MASSEY, 2008, p. 274)





**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

No estudo da segunda obra, O direito à cidade, de Henri Lefebvre, a discussão gira justamente em torno dessa cidade “global” que o autor intitula de “cidade moderna”. Para isso, toma-se como marco inicial - e principal causador das problemáticas urbanas - a industrialização. Com isso, é possível afirmar que a sociedade moderna nasce e se desenvolve em detrimento desse fenômeno, que promove em paralelo a urbanização.

O autor traz alguns exemplos de cidades anteriores a esta, como a cidade medieval, a oriental a arcaica e revela também como elas se transformaram, ao decorrer do tempo. Mudanças ocorridas principalmente devido às questões econômicas e políticas. Além disso, ele compara as cidades “primitivas” à moderna, ao passo que, as primeiras carregavam de maneira mais clara a ideia do habitat, que, para ele, significa a participação do povo na vida social.

Com a ascensão da industrialização, a sociedade é subdivida e o conceito do habitat é lentamente perdido. Por isso, como, para Lefebvre, a vida urbana é feita a partir dos encontros que ocorrem dentro do espaço urbano, é necessário retomar o habitat na cidade moderna. A diversidade, que pode ser ideológica, social, étnica e dentre tantas outras, é a responsável por compor esse cenário. Essa ideia de diversidade remete aos conceitos de convergência das trajetórias individuais presentes na obra de Doreen Massey.

Entretanto, esses encontros podem ser barrados em detrimento da política de uso do ambiente urbano. A mercantilidade presente nas relações feitas pelo sistema de habitação é responsável pelo uso - ou inutilização - da cidade, por quem ali reside. Logo, a sociedade capitalista nasce em meio a antítese composta pela forma como se habita. Algo que é consequência das relações humanas e de suas produções e que irão influir posteriormente no futuro da cidade e das possíveis relações. Pois, ao se utilizar amplamente das relações de troca, subjuga-se a imagem da cidade como cenário social de diversidades.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Se comparo a cidade a um livro, a uma escrita [...], não tenho o direito de esquecer o seu caráter de mediação. Não posso separá-la nem daquilo que ela contém, nem daquilo que a contém, isolando-a como se fosse um sistema completo. (LEFEBVRE, 1991, p. 53)

Segundo Lefebvre, a cidade se transforma não somente devido às questões globais, mas também as alterações que ocorrem no modo de produção, nas relações cidade-campo e também de classes e de propriedade. No contexto que engloba os encontros e desencontros dos diversos atores de uma cidade, entra em pauta dois papéis históricos que ela representa o de aceleradora de processos, que reverbera principalmente nas questões que envolvem o capital, e o de espaço de revoluções.

No capítulo homônimo ao título do livro, o autor reforça a importância da cidade, mediante a interposição das necessidades de uma sociedade. Dentro deste tema, ele traz conveniências que perpassam desde a matriz do consumo presente na cidade moderna até questões relacionadas a aspectos antropológicos e ressalta como tais demandas estariam presentes em um meio que não fosse permeado de maneira tão abrupta pelo comércio.

A estratégia urbana baseada na ciência da cidade tem necessidade de um suporte social e de forças políticas para se tornar atuante. Ela não age por si mesma, não pode deixar de se apoiar na presença e na ação da classe operária, a única capaz de pôr um fim a uma segregação dirigida essencialmente contra ela. (LEFEBVRE, 1991, p.113)

Ao retomar o conceito do habitat, presente nas cidades antigas, Lefebvre alerta que é impossível retomar na atual sociedade as características dessas cidades primitivas. Portanto, deve-se favorecer a elaboração de uma nova cidade que venha com uma outra estrutura, com objetivo de superar a forma da cidade capitalista, dentro dos seus preceitos e limitações.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

O direito - pleno - à cidade envolve, com isso, a relação do indivíduo com os seus espaços reformulados para o futuro, não presos em um passado utópico. Nessa tentativa não é permitido se firmar em “estruturas de equilíbrio”, pois elas, segundo Lefebvre, estão submetidas à sistematização e portanto ao poder já existente.

Segundo o autor, os processos de industrialização e urbanização perdem o seu real sentido se não põem a sociedade moderna como objetivo de tais fenômenos. Com isso, a vida urbana é subjugada em detrimento do mercado do capital e das necessidades inerentes à sociedade capitalista.

Para isso, as bases estabelecidas não podem se servir dos modais capitalistas, que tendem a estagnar as relações espaciais. Elas devem provir de uma revolução teórica atrelada à transformação política instituída. O direito à cidade deve garantir tudo aquilo que a vida urbana é capaz de proporcionar, ou seja, ele deve contribuir para a existência - e permanência - das trocas promovidas nas relações humanas, isto é, a garantia do habitat.

Contudo, reafirma-se a existência de uma realidade que não estava presente das antigas cidades. A sociedade moderna trouxe consigo uma série de novas relações sociais e econômicas, que não são passíveis de extinção, mas sim de adaptação. Algo que requer dessas novas ocupações a garantia da total vivência dos espaços que a cidade abriga.

**1.2. Histórico de apropriações artísticas urbanas em  
Aracaju**

Tendo em vista as conceituações apresentadas, o principal veículo dos objetos de estudo deste projeto de pesquisa se denuncia: o espaço público urbano, em especial espaços residuais ou simplesmente esvaziados. Esses espaços se configuram por serem indefinidos, ignorados e carentes de identidade,



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

embora inseridos no contexto urbano, frente aos motivos que os tornam obsoletos, e, conseqüentemente, inóspitos aos olhos dos transeuntes regulares.

Esse tipo de território inexplorado comumente carrega necessidade de ocupação e ressignificação, são locais favoráveis a atividade artística, convidativos às expressões artísticas marginalizadas e grupos marginalizados. Expressões e grupos os quais, bem como os espaços, têm ineficaz incorporação às atividades da urbe. Há alguns anos existem tentativas de ressignificar espaços residuais ou improdutivos em Aracaju através da arte em suas diversas formas. Esses espaços, desprovidos, dentro da dinâmica urbana, de função, caráter ou identidade, são redescobertos pelos coletivos urbanos como potencialidade de disseminação e democratização artística e cultural.

Sendo o espaço público seu veículo, as apropriações artísticas abordadas como estudos de caso neste projeto de pesquisa (Ocupe a Praça e Poesia Marginal) são, também, resultado do histórico de trabalho de outros coletivos, artistas e de prévias intervenções urbanas que impulsionaram ações deste teor no cenário da cidade de Aracaju. Através da música, da poesia, do audiovisual, do pixo, da fotografia e das mais diversas expressões se constitui o histórico de retomada dos territórios cujo usufruto popular é, indiretamente, negado, a partir das circunstâncias em que se insere na cidade.

Não são recentes os tipos de projetos supracitados, há mais tempo do que se imagina os espaços públicos em Aracaju são reivindicados artisticamente. Foi em 2013, no contexto das jornadas de junho, que as movimentações com esse fim foram intensificadas e novos coletivos começaram a surgir.

Possivelmente o Sarau Debaixo e sua localização designada sejam o mais popular exemplo de apropriação artística e cultural em Aracaju. Organizado pelo Coletivo Sarau Debaixo, teve início de atividades em 2013 e acontecia uma vez ao mês embaixo do viaduto Jornalista Carvalho Déda, o viaduto do DIA. O sarau



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

tinha cunho político-cultural e temáticas, geralmente de protesto, a cada edição. Com poesia, artes cênicas e as mais diversas expressões, o Sarau Debaixo reivindicava o direito à cidade e impulsionava a produção artística sergipana, dando espaço para artistas e expressões socialmente invisibilizados. Na página do Facebook<sup>1</sup>, descreve-se “Ali, debaixo do Viaduto, poesia e arte no muro! Cultura de Rua na encruzilhada da cidade de Aracaju!”.

Durante os anos de atividade, o Sarau teve sucesso no que se propunha a proporcionar. Após mais de dois anos de ocupação periódica autônoma, o viaduto do DIA ganhou uma atribuição e passou a ser local de muitas outras experimentações consequentes de teor similar, sendo palco para a construção de narrativas e para outros eventos esporádicos e periódicos organizados por coletivos sergipanos independentes.

Também sediado embaixo do viaduto e com influências dos resultados da experimentação do Sarau, concebida pelo Coletivo Delta Nove RapHome, a Batalha do Octógono teve início em 2014 e consistia em disputas de rima entre MCs. Com nicho e público mais específico, embora ainda com cunho social e de protesto, tinha como objetivo dar visibilidade a cena do Hip Hop sergipano.

De organização independente e sem incentivo de gestores, tal qual seu antecessor, a Batalha teve fim ao enfrentar dificuldades impostas pela gestão municipal, incluindo boicote pela guarda municipal ao fornecimento de energia do evento. Tais recorrências são comuns a intervenções autônomas, frente à marginalização dos grupos sociais que compunham os coletivos.

Teve um fim similar outra apropriação artística reconhecida na cidade: o Ensaio Aberto. Organizado pelo Coletivo Ensaio Aberto, possuía uma característica que o diferenciava das outras intervenções, o Ensaio Aberto era realizado em uma zona nobre da cidade, em local privilegiado. O Parque dos

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/saraudebaixo>>. Acesso em: Julho, 2019.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Cajueiros, área urbanizada e estruturada localizada no percurso da Avenida Beira-Mar era onde, mensalmente, acontecia o Ensaio, iniciado em 2015. Similarmente aos eventos supracitados, contava com declamação de poesias, apresentações musicais, exposição de artes visuais, um palco aberto e a particularidade de reunir uma quantidade significativa de vendedores ambulantes; sua frequência fornecia renda a esses trabalhadores informais. Por acontecer no Parque dos Cajueiros, o Ensaio também contava com um público mais variado, de forma que, durante a tarde, além do público fixo característico, crianças acompanhadas de seus pais frequentavam o evento.

Há um ano a gente imaginou como seria aquele parque ocupado, lotado de gente, gente essa rodeada por todo o tipo de arte, gratuitamente, todo o mês, sem obrigações, sem ultimatoss, sem negligenciar nenhum tipo de manifestação. Inspiradxs nos movimentos de ocupação cultural (Sarau Debaixo, Sarau da Caixa d'Água, entre tantos outros) que estavam acontecendo no estado, tentamos de tudo. Embaixo de árvores, tendas, pendurados, nos desdobramos de várias formas pra conseguir sustentar um ano de atividade numa área praticamente inabitada pelxs produtorxs de cultura (e totalmente propícia pra tanto) em nossa cidade.

Depois de todo o trabalho, dedicação, tempo e vontade de fazer aplicados, vemos como é gratificante ver o parque absolutamente lotado de gente. A gente se emociona demais lembrando de tudo que a gente já fez e a forma como vocês retribuem a isso. Fazendo, recebendo e compartilhando arte. Não vamos citar nomes porque senão isso aqui vai ficar mais extenso do que já está. Então vai daqui:

MUITO, MAS MUITO OBRIGADXS A TODO  
MUNDO QUE CONTRIBUI COM O ENSAIO ABERTO!





**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

bandas, musicistas, rappers, mcs, DJs, poetas, artistas performáticos, artistas culinários, atrizes, atores, pintores, escultores, ilustradores, fotógrafos, cordelistas, repentistas, escritores, dançarinos, mágicos, costureiros, artistas circenses, galera que participa do palco aberto, você que ainda vai produzir sua arte: a vocês dedicamos o nosso sincero e especial agradecimento. Além disso, pedimos desculpas por qualquer transtorno que tenha acontecido. É tudo nós por nós, na força de vontade, e sabemos que sabem disso. A gratidão não cabe na gente.

(Trecho da nota de agradecimento referente à edição de um ano do Ensaio Aberto, publicada na página do Facebook do evento)<sup>2</sup>

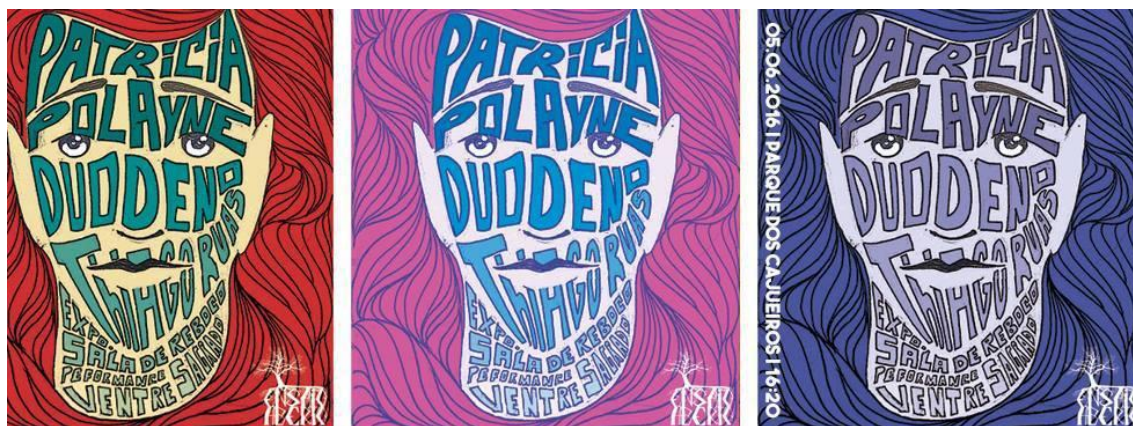


Figura 1: Divulgação da 11ª edição do Ensaio Aberto  
Fonte: Página do Ensaio Aberto no Facebook<sup>3</sup>

Não diferente de outras intervenções, o Ensaio Aberto possuía caráter político e social, as expressões artísticas que o compunham abrangiam temáticas

<sup>2</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/events/1130515947022041/permalink/1141822699224699/>>. Acesso em: Julho, 2019.

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/1727647304142451/>>. Acesso em: Julho, 2019.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

de protesto referente às dificuldades da vida cotidiana e da reivindicação do uso democrático dos espaços públicos esvaziados, que era a situação do Parque dos Cajueiros. Por conta desse caráter subversivo, a população habitante próxima ao parque, de perfil tradicional e conservador, se mostrava, por vezes, insatisfeita com a ressignificação do espaço do parque, o que acabou culminando na repressão e boicote por parte da guarda municipal e no fim do Ensaio Aberto.

Um exemplo de apropriação do espaço que se mantém até o presente momento é o Som de Calçada. Pode ser definido como uma reunião espontânea, iniciado em 2012 e que se repete de forma autônoma e independente todos os Domingos na praia da Cinelândia, onde se encontram os bolsões de estacionamento da Passarela do Caranguejo, inserida no contexto da Orla de Atalaia, que é um ponto tradicionalmente turístico de Aracaju.

O Som de Calçada começou como iniciativa dos integrantes da banda de reggae sergipana Dream Zion, cuja intenção não previa a dimensão que o evento possui atualmente. No início, tratava-se de uma reunião entre amigos, que levavam para a Cinelândia seus instrumentos musicais, conforme o Som de Calçada cresceu, passou de ocupar uma porção da calçada para permear o espaço do bolsão de estacionamento da Passarela.

Sua estruturação é bem mais livre, trata-se de um palco aberto, onde qualquer pessoa ou grupo pode apresentar sua música, performar ou declamar. Esse caráter informal e descontraído proporcionou um crescimento espontâneo que transformou o Som de Calçada em um evento fixo. É de conhecimento dos frequentadores que, independente de organização prévia, a ocupação do espaço acontecerá, pois a atração é constituída de forma espontânea justamente pelo público.

Em se tratando dessas formas de reivindicação do direito à cidade e ressignificação do espaço urbano, existem, além de particularidades,





**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

semelhanças. A maioria dos eventos é independente e não conta com nenhuma forma de auxílio por parte da gestão municipal, fator que, na maioria dos casos, impede a continuidade deles. Além disso, os grupos que se organizam a fim de promover apropriações artísticas em espaços residuais comumente são grupos constituídos por pessoas cujos corpos e expressões são marginalizados e intimidados dentro da lógica da cidade formal: pessoas lgbtqi+, mulheres, pessoas negras, periféricas. Tendo isso em vista, apresenta-se a relevância de impulsionar e apoiar esses coletivos e atividades.

## **2. Objetivos**

Os objetivos desenvolvidos com o Projeto de Iniciação Científica nascem em meio a mudança de cenário que a cidade moderna enfrenta. Devido ao esvaziamento dos espaços públicos e consequentemente a utilização incipiente dos ambientes que compõem a cidade, em especial os espaços públicos. O Projeto teve o intuito de analisar como os eventos artísticos que resistem nesse contexto podem mudar a turva perspectiva que tais espaços carregam.

Somada a essa questão, encontra-se a reação social que esses eventos conduzem em resposta à atual política de direito da cidade e à falsa imagem de um território hostil, embora inserido no contexto urbano. Reconhece-se, nesse ponto, o papel crucial que as praças, quando bem utilizadas, podem possuir na dinâmica de uma cidade. A pesquisa detém-se, com isso, ao levantamento, comparação e análise de, em especial, dois eventos que se propõem a auxiliar nessa mudança de perspectiva da cidade, ao se apropriar desses espaços.

## **3. Metodologia**

### **3.1. Considerações iniciais**



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

A metodologia aplicada no Projeto de Pesquisa utilizou-se inicialmente do embasamento teórico proporcionado pela investigação realizada através de fontes secundárias. Os principais referenciais utilizados foram os livros *Pelo Espaço* (MASSEY, 2008) e *O Direito à Cidade* (LEFEBVRE, 2001) e posteriormente o Trabalho de Conclusão intitulado *Vislumbres no vazio: Apropriações artísticas em espaços residuais de Aracaju* (CARDOSO, 2017).

Passado o período de fundamentação teórica, que ajudou a definir os parâmetros a serem utilizados no decorrer da pesquisa, foram realizadas visitas experimentais a eventos de apropriação presentes no cenário aracajuano. Posteriormente, utilizando os dados obtidos no site *Spatial Agency*, definiu-se o plano de ação experimental da Pesquisa.

Os critérios "How", "Where" e "Why" - Como, Onde e Por quê, respectivamente - presentes no portal foram cruciais para a realização das etapas posteriores. Com o objetivo de melhor direcionar o Projeto, preteriu-se pela escolha de dois eventos e, em cima deles, estabelecer a análise e tipificação destes para posterior comparação entre ambos. Os eventos em questão foram o Poesia Marginal (Praça da Bandeira) e o Ocupe a Praça (Praça General Valadão).

### **3.2. Metodologia adotada**

Durante o processo de conceituação da pesquisa, foi necessário e pertinente utilizar a ferramenta digital para elaborar critérios de análise das ações estudadas. A ferramenta utilizada foi o site da *Spatial Agency*<sup>4</sup>, um projeto que apresenta uma nova maneira de ver como os edifícios e o espaço podem ser produzidos. O projeto tenta descobrir uma segunda história da arquitetura, uma que se distancie da figura do arquiteto como um herói individual, e a substitui por

---

<sup>4</sup> *Spatial Agency* é um grupo de pesquisa da Universidade de Berkley. Disponível em: <<https://www.spatialagency.net/>>. Acesso em: Julho, 2019.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

uma abordagem muito mais colaborativa na qual os agentes agem com e em nome de outros.

O site funciona como um repositório extensível de exemplos e seu banco de dados é ordenável em amplas áreas temáticas que agrupam as motivações por trás da ação de um grupo (por quê?), o local dessa ação (onde?) e os meios através dos quais ela é alcançada (como?). Cada projeto ou ação que está listado nesse banco tem um link para seu próprio site e, em seguida, faz referência a outros links para grupos e assuntos associados, funcionando como uma rede internacional de agentes espaciais.

As classificações que o Spatial Agency utiliza são:

Quadro 1 – Classificação segundo Spatial Agency <sup>5</sup>		
Como?	Onde?	Por quê?
<b>Apropriação</b> Isso pode incluir a obtenção de propriedade de outra pessoa para seus próprios propósitos (legal ou ilegalmente, a curto ou longo prazo) ou através do destaque para o espaço abandonado ou desocupado	<b>Conhecimento</b> A ação espacial também se realiza na criação e disseminação. O resultado é mais amplo; eles podem ser publicações, exposições ou outros formatos baseados na web.	<b>Ecológico</b> Aqui, a principal motivação é trabalhar com o meio ambiente, reconhecer o impacto humano e concentrar-se na interdependência do meio ambiente, da economia e do social.
<b>Disseminação</b> Trata-se da forma como o conhecimento é distribuído, de como se difunde e para quem, além da abertura de discussões para um debate mais amplo.	<b>Relações físicas</b> A realidade física da agência espacial favorece espaços multiuso, estruturas adaptáveis, projetos que privilegiam a passagem do tempo e reconhecem as realidades das necessidades de mudanças dos usuários e as inevitáveis transformações do espaço.	<b>Humanitário</b> Toma-se uma postura ética na arquitetura no sentido de “ser-para o outro”, de “assumir a responsabilidade pelo outro”. Reconhecer e trabalhar com os desejos e necessidades desses “outros”.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.spatialagency.net/>>. Acesso em: Julho, 2019. Tradução livre da autora.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

<b>Empoderamento</b> Permitir que os outros “assumam o controle” sobre seu ambiente, participando sem ser oportunista; algo que é proativo em vez de reativo.	<b>Relações sociais</b> Ao abordar as relações sociais, as práticas buscam mudar as relações de poder, subvertendo e desafiando as reivindicações privadas ao espaço.	<b>Pedagógica</b> Técnicas que adotam uma abordagem mais sustentável, que permite a replicação de conhecimentos. É, portanto, uma abordagem inerentemente capacitadora e ascendente.
<b>Subversão</b> Uma tática/estratégia que usa políticas, diretrizes, construções, etc. existentes para finalidades diferentes daquelas para as quais foram projetadas.	<b>Estruturas organizacionais</b> É quando a própria configuração da prática define os parâmetros dentro dos quais os projetos acontecem. Os exemplos incluem trabalhadores e outras cooperativas, práticas que funcionam de forma explicitamente colaborativa e interdisciplinar.	<b>Ativista<sup>6</sup></b> Certos grupos emergem do desejo de desafiar os modos normativos da prática arquitetônica; através de uma posição feminista, marxista ou ativista.
<b>Networking</b> Grupo central de pessoas que expande de acordo com cada projeto e o conhecimento necessário; estes quase nunca são grupos estáticos e são altamente interdisciplinares por natureza.		<b>Político</b> A motivação política como força motriz de grupos ou projetos indica a existência de um forte desejo de informação e, posteriormente mudança. Questões de poder, sobre quem tem o direito ou privilégio de reivindicar o mesmo espaço tornam-se primordiais.

## 4. Resultados

### 4.1. Ocupe A Praça

O Ocupe a Praça é um evento realizado pela Prefeitura Municipal de Aracaju, através do Núcleo de Produção Digital (NPD) Orlando Vieira, unidade da Fundação Cultural Cidade de Aracaju (Funcaju), e tem como objetivo oferecer à população da cidade e aos turistas uma vida artístico-cultural coletiva com atrações todo o mês.

---

<sup>6</sup> Originalmente, o nome dado a essa classificação é profissional (*professional*, em inglês).



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Dentro do teatro do Centro Cultural de Aracaju, acontece o *Liquidifica Diálogos*, uma subdivisão da programação oficial, onde convidados participam de um diálogo acompanhado de debate com os presentes, sobre os temas propostos para cada edição.



Figura 2: Divulgação do “Ocupe de Verão” (Poster)

Fonte: Portal de Notícias Sombreiro Surf<sup>7</sup>

Dados:

O Ocupe de Verão, objeto de estudo, teve como tema principal “Sacada Eletrônica” e aconteceu durante o mês de Fevereiro de 2019, nos dias 06, 13, 20 e 27, no período da noite, com programação prevista para começar às 18:00h.

1ª visita: 06/02/2019

Programação:

18h | Liquidifica Diálogos: Território Geracional (part. DJ CAFU e DJ DISFALQ)

20h | Exibição de vídeos clips

21h | DJ MAVI

Relato:

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://sombreirosurf.com/2019/01/30/ocupe-de-verao-2019-acontece-as-quartas-feiras-de-fevereiro-na-praca-general-valadao/>>. Acesso em: Julho, 2019.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Em meio a chuva, o público se escondeu em casa e poucas pessoas compareceram ao primeiro dia do evento. Estimado numa média de 50 pessoas, o debate girou em torno de como a cena DJ começou em Aracaju, o depoimento do DJ CAFU, fundador da CD CLUB uma importante e grandiosa loja de mídias físicas (CDs, fitas cassete, vinil) da capital sergipana. CAFU abordou os principais desafios da época em que começou como DJ e como sua loja de discos lhe permitiu uma grande visibilidade como ator na área e fornecedor de músicas, como com o tempo isso foi sendo modificado devido à expansão dos meios digitais e a facilidade de obtenção de material. A DJ Disfalq entra na cena como a nova geração de DJs aracajuanos, mais sintonizada com o público jovem atual, trazendo novos tipos de sons e trazendo muita identidade para a cena.



Figura 3: Liquidifica Diálogos da edição de 06 de Fevereiro de 2019  
Fonte: Edinah Mary

2ª visita: 13/02/2019

Programação:

18h | Liquidifica Diálogos: Território Artístico (part. Jade Moraes e Pedrinho Mendonça)





**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

20h | Lançamento “Olhos de Fogo” (Dir. Jade Moraes)

21h | DJ RUAREZ

Relato:

A segunda noite foi mais cheia que a anterior, diversas personalidades da cena cultural de Aracaju se fizeram presente, secretários, diretores culturais, com um pico de aproximadamente 130 pessoas durante a exibição do curta-metragem “Olhos de Fogo”. Previamente, durante o momento do Liquidifica Diálogos, foram debatidas produções artísticas, como funcionam, como são patrocinadas. O Pedrinho Mendonça e a Jade Moraes, trouxeram suas respectivas trajetórias como produtores de conteúdo, o Pedrinho na área musical e a Jade na área audiovisual. Logo após os convidados foram direcionados para a sala de cinema do Centro Cultural de Aracaju, para a exibição do curta “Olhos de Fogo”, uma adaptação do escritor sergipano, Antônio Carlos Viana. Depois disso foi a vez do DJ RUAREZ comandar o set de DJ da noite na praça General Valadão, direto da sacada do Centro Cultural.



Figura 4: Liquidifica Diálogos da edição de 13 de Fevereiro de 2019  
Fonte: Edinah Mary



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

3ª visita: 20/02/2019

Programação:

18h | Liquidifica Diálogos: Território Hip Hop (part. Mano Sinho e Hot Black)

20h | Exibição “Estação Periferia”

21h | DJ D’GORDO

Relato:

No penúltimo dia, foi tema principal a abordagem do hip-hop, aproveitando que o estilo completa 45 anos de seu surgimento em 2019. Com a participação do Rapper Hot Black e o MC Mano Sinho, figuras de destaque na cena Hip Hop aracajuana. Hot Black foi apresentador do programa “Estação Periferia”, exibido na TV Brasil por volta de 2013. MC Mano Sinho, líder da Associação Sergipana de Hip Hop Aliados pelo Verso (ALPV), falou sobre como achava importante esse tipo de visibilidade que a Funcaju proporciona para esse tipo de movimento, o qual ele observou se modificar tanto ao longo do tempo. Após toda conversa, os participantes se dirigiram a área externa para a apresentação do set do DJ D’GORDO, com sua influência no breakdance.



Figura 5: Liquidifica Diálogos da edição de 20 de Fevereiro de 2019  
Fonte: Edinah Mary





**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

4ª visita: 27/02/2019

Programação:

19h | Vou Ocupar Seu Coração: Grito de Carnaval (part. DJ D'GORDO, DJ MAVI e DJ RUAREZ)

Relato:

No último dia da programação, que se estendeu por todo mês de fevereiro de 2019, foi preparado o encerramento com a mistura dos DJ's que participaram dos dias anteriores, num clima contagiante de carnaval, onde todos puderam aproveitar o momento de folia.

Pode se observar a intenção da Funcaju, junto ao NPD ao trazer um evento tão organizado para o centro abandonado de Aracaju, a fim de promover uma ocupação do espaço, com diversas atrações e diálogos interessantes. No entanto, percebe-se que o evento é extremamente mutável de acordo com seu tema ou condições climáticas, o que pode afastar ou atrair o público, este não aparenta sair das periferias da cidade para acompanhar o evento, seja pela locomoção ou outros fatores, como por exemplo, a formalidade do espaço, o que pode causar estranheza e uma sensação de não pertencimento ao que se propõe.

<b>Quadro 2<sup>8</sup></b>	<b>Como?</b>	<b>Onde?</b>	<b>Porquê?</b>
<b>Ocupe A Praça</b>	Apropriação/ Disseminação	Conhecimento	Humanitário <sup>9</sup>

#### **4.2. Poesia Marginal**

---

<sup>8</sup> Quadro 2, fonte: autora.

<sup>9</sup> Entende-se no contexto da pesquisa, que essa classificação não foca apenas no arquiteto como profissional, mas nas práticas e intervenções artísticas na cidade. Sendo assim, nesse caso, o foco não é na prática arquitetônica, mas sim na postura dos organizadores do evento acerca da intenção de reunir os desejos e necessidades dos que são considerados por eles como "outros".



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

A definição de marginal ajuda a compreender a característica marcante desse evento, que não se integra a um grupo, uma classe, uma sociedade. Apesar da amplitude do termo marginal, o evento enfoca a marginalização relacionada à segregação socioespacial, ou seja, das periferias da cidade. Existe nitidamente uma preocupação pelo lugar associado à representatividade e uma luta por reconhecimento de uma arte marginalizada pela sociedade. O termo, comumente usado como insulto e depreciação do movimento, é apropriado e defendido como forma de fortalecimento de uma cultura.

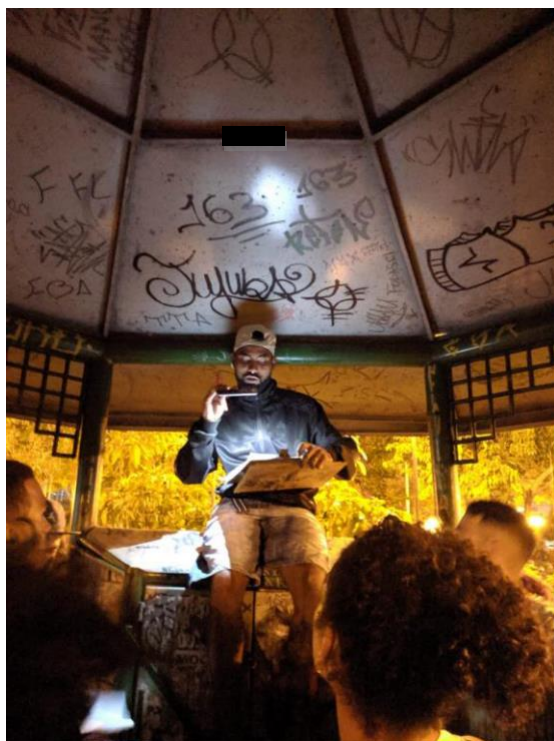


Figura 6: Batalha de Tag's no Poesia Marginal de 18 de junho de 2019  
Fonte: Willianey Elias Santos



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

O objetivo do evento é convergir artistas e simpatizantes da arte de rua, para fortalecimento, difusão e troca de experiência, sempre denunciando a invisibilidade e falta de reconhecimento da cena artística periférica.

A organização se utiliza bastante de redes sociais como Instagram para divulgar o evento e também para elucidar sobre o que se trata: “Movimento de rua misturando a nossa raiz sergipana com a cultura do Slam de Poesia e Batalha de Tags.”.



Figura 7: Imagens explicando o Poesia Marginal  
Fonte: Página do Poesia Marginal no Instagram

1ª visita: 23/04/2019

Programação:

Slam de poesia

Batalha de Tag's

Exposição e troca de folhinhas

Palco aberto

Relato:



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Foi a segunda edição do evento, de acordo com Manu MC, uma das envolvidas na iniciativa Poesia Marginal, o evento vem com a intenção de unir artistas sergipanos e de fomentar um espaço de livre convivência e aprendizado entre eles. Essa edição, contou com uma adesão maior, de acordo com relatos, se comparada a anterior, provavelmente pela divulgação mais ampla.



Figura 8: Slam no Poesia Marginal de 23 de abril de 2019  
Fonte: Página do Poesia Marginal no Instagram

2ª visita: 07/05

Programação:

Slam de poesia

Batalha de Tag's

Exposição e troca de folhinhas

Palco aberto

Relato:

Na segunda visita observamos a possibilidade do evento possuir sempre as mesmas atividades acontecendo, com a mesma dinâmica e público recorrente. O número de pessoas presentes diminuiu, cerca de 30 pessoas, sendo que a maioria delas estavam em edições anteriores. O evento começa com atraso, mas



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

a programação seguiu como o previsto. Terminando mais cedo que a edição passada devido ao menor número de participantes.



Figura 9: Slam no Poesia Marginal de 23 de abril de 2019  
Fonte: Página do Poesia Marginal no Instagram

1ª visita: 18/06

Programação:

Slam de poesia

Batalha de Tag's

Exposição e troca de folhinhas

Palco aberto

Relato:

Das últimas edições visitadas, esta alcançou um maior público (cerca de 60 pessoas). Uma organizadora estava doente e, por isso, o Slam de Poesia não aconteceu. Mas o espaço na programação ficou aberto, assim, quem já tivesse preparado sua poesia pode se apresentar livremente.

A chuva não impediu a participação nem o desenvolvimento da Batalha de Tag's, que foi transferida para o coreto da praça. Ademais, as exposições e trocas





**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

de folhinhas acontecem durante todo o evento e a contribuição espontânea para as premiações também.

O Poesia Marginal surge com função primeira de promover um espaço que congrega artistas e simpatizantes de arte de rua, que se estabeleça como um local de troca de vivências e diálogo .

Além disso, a escolha da Praça da Bandeira, sendo um objeto que não há uso após o horário comercial, serve como símbolo de resistência e de apropriação da cidade por aqueles que realmente a constroem.

Mesmo não apresentando um aparelho público que abrigue de condições climáticas adversas como a chuva, o evento se molda e consegue estabelecer uma continuidade e regularidade de público, principalmente pelo envolvimento das pessoas inseridas na iniciativa Poesia Marginal nas próprias atividades do evento, fazendo assim que não exista uma dissociação entre organização x participantes.

<b>Quadro 3<sup>10</sup></b>	<b>Como?</b>	<b>Onde?</b>	<b>Por quê?</b>
<b>Poesia Marginal</b>	Empoderamento/Subversão	Relações sociais	Ativista

### **4.3. Análise Comparativa**

Buscando estabelecer parâmetros para a análise dos eventos, foram desenvolvidos três quadros comparativos abordando aspectos relacionados ao público, às atividades do evento e à organização espacial. O Quadro 4 - Para quem?<sup>11</sup> compreende a diferenciação entre o público alvo e o frequentador, levando em consideração o deslocamento destes até o local do evento e a fidelidade dos frequentadores. O Quadro 5 - Como?<sup>12</sup> aborda a estrutura das

---

<sup>10</sup> Quadro 3, fonte: autora.

<sup>11</sup> Quadro 4 – Para quem?, fonte: autora.

<sup>12</sup> Quadro 5 – Como?, fonte: autora.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

atividades do evento e suas formas de disseminação, buscando compreender como estas características reverberam em relação ao público. E, por fim, o Quadro 6 - Onde?<sup>13</sup> analisa a forma de organização do evento e sua relação com a ocupação do espaço público, levando em consideração tanto o seu público, quanto suas atividades.

<b>Quadro 4 – Para quem?</b>	<b>Ocupe a Praça</b>	<b>Poesia Marginal</b>
Público alvo	Sociedade aracajuana	Artistas de rua e simpatizantes
Público frequentador	Jovens e adultos, universitários e grandes personalidades (a depender do tema)	Jovens e universitários, majoritariamente de zonas periféricas da cidade
Meios de transporte	Transporte público e particular (carro)	Transporte público e bicicleta
Identificação/fidelidade	Identificação pontual e baixa fidelidade ao evento	Identificação e fidelidade alta

Inicialmente, foi proposto diferenciar os dois tipos de público, o alvo e o frequentador, a resposta a essas categorias e a distância entre o resultado mostraria se efetivamente o público a ser atingido é o mesmo que se esperava ou não. No caso do evento Ocupe a Praça, não há um foco específico em algum grupo social no geral, como ocorre no Poesia Marginal, que nitidamente direciona o evento para simpatizantes e produtores da arte de rua.

Outro aspecto a ser analisado é a forma de deslocamento como critério para caracterizar os participantes. Em ambos, o transporte público é amplamente utilizado. No entanto, o número de bicicletas é bastante expressivo no Poesia Marginal, enquanto o Ocupe a Praça possui um considerável número de transporte particular. O uso da bicicleta como transporte está associado, nesse caso, com as condições específicas do público que, majoritariamente, provém de

---

<sup>13</sup> Quadro 6 – Onde?, fonte: autora.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

zonas mais afastadas do centro da cidade, onde normalmente o sistema de transporte é menos abastecido. Ademais, vale ressaltar o caráter subversivo do evento, no qual a bicicleta seria não só uma alternativa sem custos para viabilizar o deslocamento, mas também o meio de transporte que já configura a cultura da arte de rua, dos ataques<sup>14</sup>.

No primeiro caso, público frequentador varia conforme a temática proposta e as atrações de cada edição, ou seja, os participantes se identificam pontualmente e, portanto, são pouco fiéis as diferentes edições. No caso do evento Poesia Marginal, há uma proximidade maior entre o público esperado e o frequentador, caracterizando também uma baixa variação do público de uma edição para outra. Assim, é notável que o direcionamento do público alvo reflete nitidamente na fidelidade do participante do evento, fazendo com que este se identifique e retorne em outras edições.

<b>Quadro 5 – Como?</b>	<b>Ocupe a Praça</b>	<b>Poesia Marginal</b>
Programação	Formal e definida, apesar de modificar as temáticas. Baixa participação do público.	Fluida, apesar de sempre manter a mesma estrutura. Dependente da participação do público.
Divulgação	Através de mídias digitais, como Facebook e páginas de informativos como Infonet e G1, através do site da Prefeitura de Aracaju, também sendo divulgado em telejornais do estado.	Através de mídias digitais, como o Instagram e também em grupos de pessoas interessadas no tema.
Alcance	Entre 50 e 150 pessoas, de acordo com a organização. Porém, esse número é bastante incerto, variando bastante de acordo com a atração convidada.	Entre 30 e 60 pessoas, sem dados oficiais. O público é bastante fiel e participativo nas atividades propostas.

<sup>14</sup> “Ataques” ou “rolês” são alguns dos termos utilizados para o ato da pixação.





**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Os dois eventos possuem a programação e horários definidos, sendo que o Ocupe mantém a estrutura das atividades, modificando apenas a temática, também elegendo convidados especiais e atrações para cada edição. Durante o evento, primeiro as atividades são direcionadas a exposições e debates que acontecem dentro do Centro Cultural, posteriormente as atrações se apresentam na Praça General Valadão. Já o Poesia acontece sem nenhuma modificação na temática e somente com atrações espontâneas, chamadas de “Palco Aberto”, além do Slam de Poesia e da Batalha de Tag’s. Assim, analisamos a programação e a estrutura das atividades do primeiro evento como de caráter mais formal e definido, e do segundo como fluida e necessariamente dependente da participação do público.

As formas de divulgação acontecem basicamente da mesma forma através das redes sociais, sendo que o Poesia Marginal, por estar em suas primeiras edições, ainda está iniciando um processo de padronização da linguagem dos cartazes, assim, a divulgação mais efetiva inicialmente foi dentro do próprio coletivo de artistas que já se conheciam e informavam para os mais próximos sobre o evento. O Ocupe a Praça conta com divulgação não só em sua própria página, mas também com notícias em sites de informação e até mesmo em telejornais.

Quanto ao número de participantes, o Ocupe a Praça consegue atingir um maior número de pessoas. Mas, apesar de algumas edições chegarem a mais de 150 pessoas, outras não chegam a 20, como o caso do dia 20 de fevereiro, cuja temática era justamente cultura da periferia. O Poesia Marginal mantém uma média de 40 participantes, sendo a última edição demonstrando uma tendência a crescer.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

<b>Quadro 6 – Onde?</b>	<b>Ocupe a Praça</b>	<b>Poesia Marginal</b>
Local	Praça General Valadão	Praça da Bandeira
Estrutura física	O Centro Cultural abriga grande parte da programação, além de tendas e equipamentos de som e iluminação para as apresentações que acontecem na praça ou na sacada do edifício.	Resume-se a estrutura que a própria praça oferece. Não é utilizado nenhum equipamento de som.
Estrutura organizacional	Evento vinculado à Prefeitura de Aracaju, realizado através do Núcleo de Produção Digital (NPD) Orlando Vieira e da Funcaju.	Difícil diferenciação entre organização e participantes, sendo organizado por um coletivo de artistas de rua.
Oficialidade do evento	Pela estrutura organizacional, configura-se como um evento oficial da cidade, com aval da Prefeitura e contando com presença da Guarda Municipal.	Não possui respaldo legal ou jurídico, sendo totalmente extraoficial. Funcionando como resistência e crítica à falta de espaço e apoio para a cena artística periférica.

Apesar dos eventos acontecerem no mesmo bairro, o Centro, as praças escolhidas são bastante diferentes. O Ocupe a Praça acontece na Praça General Valadão [Figura 12], em formato retangular, tendo o Centro Cultural num de seus menores lados. Apenas as duas laterais maiores da praça possuem árvores de grande porte e algumas palmeiras, resultando num espaço central bastante livre e bem iluminado. Já a Praça da Bandeira [Figura 13], que recebe o Poesia Marginal, é muito mais arborizada, com iluminação média. Além de ser uma praça maior que a do evento anterior, sendo possível passar pela margem da praça sem perceber que no centro dela está acontecendo uma intervenção.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Quanto à estrutura física do evento, o Centro Cultural oferece sua estrutura interna, contendo banheiros, bebedouros, salas, auditório e sala de projeção, para parte da programação do Ocupe a Praça. Além disso, o evento também conta com tendas, equipamentos de som e iluminação para as atrações musicais. A estrutura física do Poesia Marginal é a própria estrutura da Praça da Bandeira, não utiliza nenhum equipamento de som, além dos instrumentos que os participantes mesmo levam. Utilizam a parte mais elevada da praça, onde fica o mastro da bandeira, como palco para as apresentações e também os quiosques como abrigo quando chove.



Figura 12: Ocupe a Praça - edição de 13 de fevereiro de 2019  
Fonte: Arquivo dos autores

Nitidamente, o Ocupe a Praça se configura como um evento oficial da cidade de Aracaju, sendo vinculado a órgãos públicos e gozando de todas as facilidades e estruturas que a maioria das intervenções artísticas em espaços públicos não conhece. A organização do evento é hierárquica em relação aos



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

participantes, ou seja, as atrações, temas e estrutura do evento são decididos por um pequeno grupo, que desenvolve e produz o evento. O Poesia Marginal se caracteriza marcadamente por sinalizar o oposto desse vínculo com o Estado, sem nenhum aval para acontecer, representa a resistência cultural e denuncia a falta de espaço para a arte vinda das periferias da cidade.

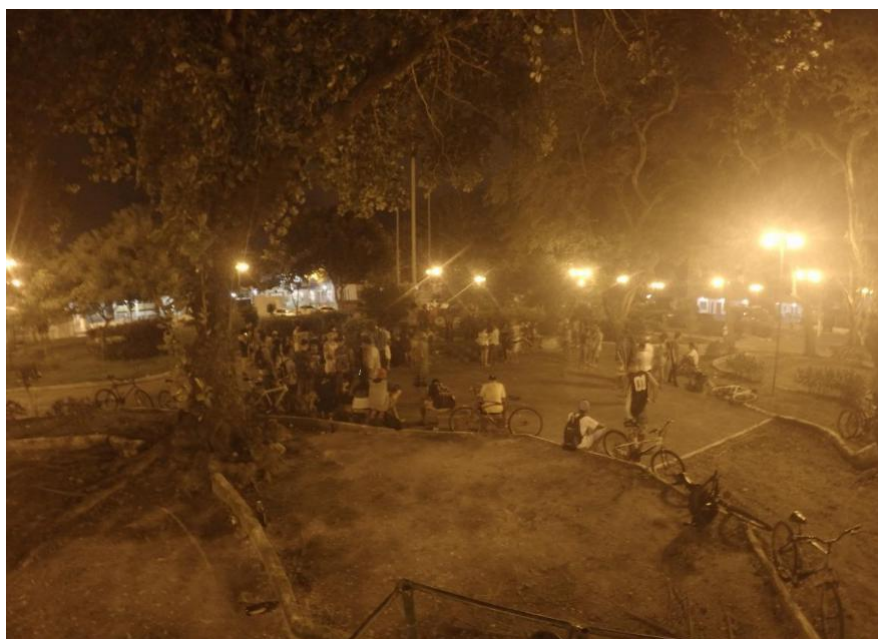


Figura 13: Poesia Marginal - edição de 18 de Junho de 2019  
Fonte: arquivo dos autores

Seus organizadores se misturam com os participantes durante o evento, sendo difícil diferenciá-los. Isso ocorre porque o caráter participativo do evento faz com que os participantes também se sintam parte da organização, contribuindo para as premiações dos ganhadores, participando das batalhas, registrando ou se apresentando durante o evento.

## **5. Conclusões**



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

A identificação das ocorrências estéticas promovidas em Aracaju e suas estratégias de ocupação do espaço urbano é o objetivo geral da pesquisa. Este plano de pesquisa diz respeito ao registro dos eventos, através do trabalho em campo, captando imagens, áudios e entrevistas para futura análise. Além disso, inicialmente colabora para a construção conceitual da pesquisa. Um aspecto relevante a ser ressaltado é o caráter transdisciplinar da pesquisa, contando com professores colaboradores do curso de Audiovisual e Teatro. Esse fato contribuiu para a ampliação da discussão conceitual, abordando visões de outras áreas do conhecimento.

Esta pesquisa buscou coletar informações de diferentes intervenções artísticas no espaço público de Aracaju e analisá-las, estabelecendo parâmetros e categorias. O desenvolvimento da pesquisa dependeu dos eventos que estavam acontecendo durante o período de coleta de dados, ficando o trabalho de campo restrito a poucos meses. Também coincidiu com um momento de baixa no calendário de eventos com esse caráter, se compararmos com a quantidade de eventos registrados no histórico dessas atuações. Assim, apenas dois eventos puderam ser devidamente registrados e acompanhados. O fato de trabalhar com esse número de casos pode proporcionar a sensação de falsa dicotomia, reforçando um sentimento de oposição ou dissociação destes. Apesar de ser bem diferentes e ter pouco público em comum, os eventos não entram em conflito dessa forma.

O caráter de ambos eventos é o de convergir, servindo de ponto de encontro com um mesmo objetivo: ocupar o espaço público com intervenções artísticas. Os desencontros das propostas estão principalmente na forma de organização deles, enquanto um segue o padrão de ter um coletivo enquanto organizador, o outro tem uma dependência muito forte com instituições vinculadas ao Estado. É dessa diferença que deriva todas as outras, pois a hierarquia que



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

está associada a falta dos coletivos de organização altera toda a estrutura fluida, desde o desenvolvimento da programação até o público. Assim, o fato do evento Poesia Marginal se mostrar como crítica a falta de espaço dentro da agenda cultural oficial e o Ocupe a Praça servindo como exemplo desta agenda, cria a sensação de oposição entre eles.

Os desdobramentos dessas questões divergentes dão margem para ressaltar as negociações dos conflitos que serão sempre reinventadas. Cada evento é um lugar, sendo único em suas ações, e assim, sempre produzindo o novo. Afinal, é dos pontos de conflitos, seja de um evento individual com suas reivindicações ou entre eles, que surge a necessidade do político. E é essa convergência em prol da expressão artística que dá o poder de transformação do espaço/lugar para os eventos de ocupação do espaço urbano.

## **6. Referências Bibliográficas**

CARDOSO, Mariane. **Vislumbres no vazio**: Apropriações artísticas em espaços residuais de Aracaju. 2017. 150 f. (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2017.

MASSEY, DOREEN B. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2008;

LEFÉBVRE, Henri. **O direito a cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

SPATIAL AGENCY. Spatial Agency: About, 2019. Disponível em: <<http://www.spatialagency.net/>>. Acesso em: 7 de julho de 2019.